

MULHERES NEGRAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NOS CONTOS “MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS” E “NATALINA SOLEDAD” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Nelsilene dos Santos Silva ¹
Sueli Meira Liebig ²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a construção identitária, a submissão e insubmissão de personagens protagonistas, tendo como objeto de estudo dois contos presentes na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” e “Natalina Soledad”. Evidenciando a representação da mulher negra e de que maneira as protagonistas representam outras mulheres do mundo contemporâneo. Sendo assim, o embasamento teórico para trabalharmos a construção da identidade, bem como observando a busca por meio da escrita, pela reversão do papel de subalterno imposto à mulher negra pela sociedade, e tendo por meio da escrita de Evaristo um lugar de fala para suas personagens que representam várias outras histórias de submissão e insubmissão.

Palavras-chave: Identidade, Conceição Evaristo, Diáspora Negra.

INTRODUÇÃO

Maria da Conceição Evaristo de Brito, uma ensaísta, cronista e romancista da literatura brasileira, nascida em 29 de dezembro de 1946, em Belo Horizonte; doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense; estreou na literatura em 1990, quando seis de seus poemas foram publicados no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros* em que a matéria-prima de sua obra literária é a vivência das mulheres negras que se apresentam como suas principais protagonistas.

As personagens construídas são carregadas de reflexões em torno da desigualdade racial, de gênero e sobre a violência a que são submetidas, Evaristo nos apresenta narrativas onde observamos um misto de ficção e realidade, pois seus textos são retratos do cotidiano,

1 Programa de Pós - Mestranda em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, nelsilenee@hotmail.com;

2 Programa de Pós - Literatura e Interculturalidade (PPGLI), Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, suelibig@hotmail.com;

utilizados como ferramenta de denúncia da opressão racial e de gênero, mas também como instrumento de valorização da ancestralidade negra, apesar das tentativas de apagamento por parte do colonizador europeu, ainda se mantém firme em nossa cultura.

Em 2011 Conceição publicou um volume de contos intitulado de *insubmissas lágrimas de mulheres*, do qual aqui elencaremos dois de seus contos para utilizarmos como objeto de estudo e análise para refletir sobre a construção identitária dessas mulheres.

A obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* é composta por treze contos nos quais a autora se apresenta como uma narradora ouvinte: ao ouvir ela se propõe a transcrever os relatos das diversas mulheres, narrando os fatos em terceira pessoa.

Os treze contos são protagonizados por mulheres negras, que no início das narrativas são apresentadas como mulheres submissas. Tal submissão é apresentada como uma obediência ao pai, ao esposo, a uma opção sexual que querem impor a elas, ou à religião, que na maioria das vezes se apresenta como uma tradição familiar.

A submissão é apresentada como uma maneira de sufocar essas mulheres, resultando em suas lágrimas e posteriormente as protagonistas se revoltam e lutam em busca de conquistar a insubmissão.

A obra de Conceição Evaristo é pontual sobre questões da mulher negra na sociedade brasileira pós-escravocrata e sinaliza para o empoderamento das mulheres negras que vivem em uma sociedade patriarcal repleta de violência racial e de gênero.

Sobre o ato de uma escritora negra ficcionalizar as tantas mulheres negras do Brasil, país de passado escravocrata e colonial, impõe a Conceição Evaristo uma tarefa de fazê-lo com os aspectos da memória, ancestralidade e história do povo negro, história essa negada pela historiografia branca e pela branquitude do currículo escolar, sem deixar de falar também no apagamento das escritoras negras da história da literatura deste país.

Convocamos Glória Anzaldúa, em seu ensaio: “Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do Terceiro mundo” (2000), para melhor clarificar essa temática da escrita de mulher negra ou subalternizada em contexto das Américas:

O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” — o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito frequentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. (ANZALDÚA, 2000, p.8).

Sendo assim, analisaremos dois contos presentes na obra *Insubmissas lágrimas de Mulheres*, “*Maria do Rosário Imaculada dos Santos*” e “*Natalina Soledad*”, contos que tratam em suas representações da mulher negra e de que maneira as protagonistas representam outras mulheres do mundo contemporâneo.

Conceição Evaristo, entre outros nomes da América Latina e do Brasil em especial caso, tem se colocado no mercado editorial e na crítica literária como uma voz e expoente que convoca as vozes excluídas do campo da ficção para que sejam audibilizadas, lidas e conhecidas.

Evaristo faz esse duplo exercício por estar nos dois lados desse embate e debate na literatura e na universidade pública como professora e pesquisadora, podendo assim oportunizar outras mulheres, escritoras e negras que desafiem esse modelo patriarcal e neocolonizador que persiste em anular a voz da mulher e com maior violência em nossa sociedade, a voz da mulher negra.

Tal reflexão se alinha ao pensamento de Patrícia Hill Collins:

A sombra que obscurece essa complexa tradição intelectual das mulheres negras não é nem acidental nem benigna. Suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para sua própria vitimização. A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas também na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para a manutenção de desigualdades sociais. Mulheres negras que se dedicam a reivindicar e construir conhecimentos sobre mulheres negras costumam chamar a atenção para a política de supressão que seus projetos enfrentam. (COLLINS, 2019, p.1).

Dentro dos dois contos elencados iremos tratar a construção identitária e como ocorre a submissão, bem como a insubmissão das protagonistas *Maria do Rosário* e *Natalina Soledad*. Para isso, contaremos com o aporte teórico dos conceitos de identidade de Stuart Hall (2011) e as teorias da própria Conceição Evaristo como maneira de demonstrar a importância do espaço para as mulheres negras na literatura contemporânea.

A IDENTIDADE NOS CONTOS “MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS” E “NATALINA SOLEDAD”.

A identidade é algo realmente formado ao longo do tempo, através de processos inconsciente, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Assim, ao invés de falar de identidade como uma coisa acabada, devemos falar em identidade e vê-la como processo em andamento. (HALL, 2011, p. 38-39)

É notório que os estudos sobre identidade são de extrema importância para que possamos compreender quem somos, como nos constituímos enquanto indivíduos únicos. Segundo Hall (2011) somos constituídos de um “eu real” que é modificado ao percurso do tempo e como fruto de nossas conversas com o mundo e as culturas que nos cercam, ou seja, é por meio do contato com diversas culturas, valores e mundos diversos que internalizamos os significados para que assim venhamos a formar nossa identidade, para Hall o indivíduo não possui uma identidade fixa, mas que é possível assumir diversas identidades em diferentes momentos.

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. Isto é, de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade não assimila aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história (HALL, 2011, p. 108).

Para Hall, a identidade é moldada e recriada em conformidade com o *meio, as relações vividas e as questões sociais as quais cada ser é exposto ao longo da vida*. Sendo assim, fica evidente que a identidade está em constantes transformações e ressignificação, traços esses que são elencados nos contos da autora Conceição Evaristo em análise.

A obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* consegue fazer com que o leitor mais afeito à sua ficção se sinta representado por cada uma de suas personagens, pois ela consegue nos fazer refletir sobre a construção da identidade associada ao fato de que passamos e passaremos por mudanças sempre que as mesmas forem necessárias, uma vez que identidade está em constante movimento.

O conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, inicia com a explicação da origem de seu nome se dá ao fato de sua família ser devota aos santos “Esse nome de santa mulher foi invenção do catolicismo exagerado de minha família. [...], não contentes só com o “Maria”, me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome”. (Evaristo, 2016 p. 43).

E assim inicia o relato de Maria do Rosário, nos fazendo conhecer uma história que vai além de uma simples experiência que agora está sendo compartilhada, sua história de vida é

carregada pela construção e até mesmo pela ressignificação de sua própria identidade. Quando era criança Maria foi raptada por um casal “Eu era bem menina ainda, tinha uns sete anos no máximo, mas tenho na memória a nitidez da cena” (Evaristo, 2016, p. 44).

Um jipe e casal estrangeiro (depois, com o tempo, descobri, eram pessoas do sul do Brasil) em nossas paragens. Pararam em nossa porta, desceram, conversaram conosco e ofereceram aos grandes, caso eles permitissem, um passeio com a criançada [...]. Subimos contentes e o carro aos poucos foi ganhando distância, distância, distância[...]. Depois de muito tempo, noite adentro, eles pararam o jipe, puxaram violentamente o meu irmão, deixando o pobrezinho no meio da estrada aos gritos e continuaram a viagem comigo, me levando adiante [...]. Nunca tinha escutado sobre casos de roubo de criança. (EVARISTO, 2016, p. 45-46)

O fragmento acima nos mostra uma semelhança com a diáspora negra sendo contada por Maria do Rosário, uma menina negra que é raptada de sua família/povo, de sua terra/cidadezinha chamada “Flor de Mim”, a violência com a qual seu irmão foi abandonado na estrada e como a personagem foi obrigada a se adaptar e até mesmo ressignificar sua história agora em um lugar que representa o oposto de tudo aquilo que faz parte de sua cultura. O mesmo aconteceu com diversos negros, por muitos anos, pois foram tirados da África e traficados para o Brasil, sem direito a liberdade de escolha.

Maria do Rosário se vê obrigada a reconstruir sua vida, longe de todos e de tudo que conhecia, mas sempre se apegando às memórias para que suas raízes não fossem apagadas com o tempo, o que nos leva ao reconhecimento da representação de muitas outras mulheres que possuem suas vidas raptadas de si, sendo obrigadas a reconstruir sua identidade de acordo com o ambiente ao qual ela foi obrigada a se adaptar.

Encontramos na narrativa a violação da identidade social da personagem que luta todos os dias contra o apagamento de suas raízes identitárias, já que todo o conto é desenvolvido em torno da perda referencial do seu povo, de seu lar, o que obriga Maria a construir outra identidade. Mais uma vez nos deparamos com a diáspora negra, pois a mesma representa também a redefinição identitária do povo negro. Desde o momento de sua partida escravizada até a conquista da liberdade, ocorreu a construção do agir e do ser em um novo mundo, onde foram obrigados a lutar por liberdade, igualdade e lugar de fala. Mesmo tendo sua identidade moldada, Maria sempre procurou resistir ao apagamento de suas raízes por meio do processo de memória e identidade.

O tempo passa, mas Maria tem o objetivo de juntar dinheiro e retornar a sua terra, no entanto, ela acaba indo para outros lugares trabalhar como doméstica e durante o tempo que

passou longe de suas origens, ela ressignificou sua própria existência por diversas vezes, assim criando e recriando sua identidade.

O conto “Natalina Soledad” inicia com a narradora destacando logo na primeira linha o fato de que a personagem “se automeceu”, Natalina nasceu em uma família na qual por três gerações, apenas filhos homens são gerados: seu bisavô teve cinco casamentos dos quais obteve quatorze filhos, todos homens; seu avô teve apenas um filho, que por sua vez teve seis filhos homens os quais lhe enchiam de orgulho, até que nasceu uma menina, que por toda sua vida fora desprezada e discriminada pelo pai, que se sentiu traído por ter se tornado pai de uma menina e assim quebrando uma tradição da família em gerar apenas filhos homens.

E Maria Anita Silveira, entre lamentos e desejos, mal amamentou a criança. Descuidou-se propositalmente dela e até concordou que o pai nomeasse a filha de Troçoieia Malvina Silveira. A criança só herdou o Silveira no sobrenome, porque a ausência desse indicador familiar poderia levantar a suspeita de que algo desonroso manchava a autoridade dele. (EVARISTO, 2016, p. 20-21)

Aqui inicia a violação da identidade individual e social daquela menina que passa a ser ignorada e desprezada por sua família, pois a mãe não luta contra a escolha do nome da filha imposta por seu marido, nomeando assim sua filha como “Troçoieia Malvina Silveira”. O prenome “Troçoieia” é utilizado como uma forma de inferiorizar a protagonista em relação ao grupo familiar, obrigando assim a protagonista a ter uma vida solitária e a ressignificar sua identidade perante o mundo que a envolve.

Além de ser rejeitada pela família a protagonista sofre com os deboches de outros na escola e nesse momento ela não aceita a identidade que lhe é imposta por sua família. Então como uma maneira de se proteger, resolve tornar sua família invisível, passando a ignorar a presença dos pais e irmãos: em casa anda de olhos fechados, come na cozinha, recusando-se a sentar à mesa, anda apenas do quarto para cozinha ou banheiro, evirando assim contato com seus familiares.

É chamada de Silveirinha para evitar o constrangimento de seu prenome, no entanto como ato de luta começa a se negar a responder a qualquer chamado no qual seu nome de batismo não fosse pronunciado por completo.

Mas, para a surpresa da família, a menina Silveirinha se negava a responder a qualquer chamado, em que seu nome, aquele de registro e de batismo, não fosse inteiramente dito. Na escola, na casa, na vizinhança, na igreja e em qualquer lugar que fosse, ela se desconhecía como Silveirinha. Enfaticamente, anunciava a todas as pessoas, grandes e pequenas, que o seu nome era: troçoieia Malvina Silveira. (EVARISTO, 2016, p. 22)

Ao passar do tempo a menina torna-se mulher e com ela cresce o desejo de mudar de nome e de criar uma nova identidade.

Tinha um só propósito. Um grande propósito. Inventar para si outro nome. E, para criar outro nome, para se rebatizar, antes era preciso esgotar, acabar, triturar, esfarinhar aquele que lhe haviam imposto. Pacientemente, a menina Silveirinha esperou. A moça Silveirinha esperou. A mulher Silveirinha esperou. (EVARISTO, 2016, p. 23-24)

Aos trinta anos, Troçoleia Malvina Silveira, abdica, junto ao nome, o sobrenome da família e os bens deixados pelo pai, agora o sobrenome carregado do machismo por gerações, cujo o nascimento de uma menina era visto como uma traição do sangue e do corpo para a família, já não mais é sua identidade.

Rumou ao cartório para se despir do nome e da condição antiga. Abdicou da parte da herança que lhe caberia. [...] Rejeitou também a incorporação do sobrenome familiar – Silveira – ao seu novo nome. E, sonoramente, quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria mesmo aquele que aparecia escrito na petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad. (EVARISTO, 2016, p. 25)

Natalina Soledad, é o nome o qual escolheu para ser sua identidade, identidade essa carregada de alívio e felicidade, pois era o primeiro passo para construir não apenas uma identidade, mas sua história e até mesmo sua vida.

Natalina renascia da solidão imposta a ela e à qual ela era submissa, mas que agora se sentia insubmissa a tais imposições: era dona de si, da reconstrução de sua história, agora ela tinha o poder de escrever e reescrever sua vida e suas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisamos os contos, é chamativo o sofrimento causado pelos traumas carregados pelas personagens protagonistas “Maria do Rosário” e “Natalina Soledad”. Os relatos mesmo que de vivências distintas uma da outra, são muito importantes para se refletir sobre a construção da identidade. A literatura de Conceição Evaristo é uma importante ferramenta de denúncia às práticas de violência e submissão aos quais o povo negro era submetido e mais, submissão imposta principalmente ao gênero feminino.

Maria carrega com ela as marcas da repreensão sofrida por ela e por seus antepassados e Natalina carrega consigo as marcas do preconceito de gênero imposto por uma sociedade patriarcal e machista.

Sobre as questões identitárias, vivenciadas pelas personagens protagonistas, elas nos permitem refletir sobre a violência sofrida por essas mulheres e o quanto tudo isso afeta diretamente suas trajetórias de vida. Uma luta contra o apagamento de suas raízes, ressignificando e reinventando sua identidade, buscando sempre em suas memórias um refúgio para não esquecer de onde veio e para onde pretende voltar.

A outra luta contra o nome de batismo que lhe foi dado por seus pais, carregado de machismo, rejeição e preconceito de gênero, mas em uma constante busca por uma identidade que a represente e lhe liberte do fardo ao qual foi sempre submetida.

Quanto à insubmissão aos traumas vividos e relatados por Maria do Rosário e Natalina Soledad, nota-se a importância da luta em busca da construção da identidade violada das personagens, pois elas foram capazes de enfrentar os traumas e os danos causados por toda a submissão que lhe foi imposta durante anos. Sendo assim, considera-se que os contos Maria do Rosário Imaculada dos Santos e Natalina Soledad oportuniza vez e voz às personagens que outrora não tiveram espaço de fala.

Conceição Evaristo, por meio de suas personagens, abre espaço para outras mulheres perceberem que podem e devem ser donas de suas histórias e suas identidades e que é necessário ser insubmissas às imposições que lhes são apresentadas lutando, buscando e exigindo cada vez mais o seu lugar de fala.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. – Ensaio. In: **Revista Estudos Feministas**, v.1,2000. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. Tradução: Jamile Pinheiro Dias, 1ª edição, Boitempo: São Paulo, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2º edição. - Rio de Janeiro: Malê, 2016.



HALL, Stuart. Da **Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al] – 1ª edição atualizada e 1ª reimpressão revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

VICTORINO, Shirlei Campos. **Paulina Chiziane e Gioconda Belli: Vozes confluentes na geografia de uma guerra?** Tese de Doutorado em Letras apresentada à Coordenação dos cursos de Pós-Graduação Estudos em Literatura da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 118 págs. 2010.Repositório institucional: <https://app.uff.br/riuff/discover>